

## APRESENTAÇÃO

Com muita satisfação apresentamos o número 4 da *Pensares em Revista*. Criada em 2012 para ser o periódico eletrônico dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, a *Pensares* alternava dois dossiês temáticos (números ímpares) com edições atemáticas (números pares).

Por decisão colegiada, a partir do número 5 a revista vai mudar a política editorial no intuito de se transformar no periódico do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), que a Faculdade de Formação de Professores passou a abrigar desde meados de 2014. A ideia é transformar a *Pensares* num veículo de difusão da pesquisa na área de ensino de linguagens, não só do corpo docente e discente do nosso programa na UERJ, mas também da rede nacional de Mestrados Profissionais em Letras. A partir do número 5, faremos sempre dossiês temáticos na área de ensino de linguagens.

Temos no número 4, para encerrarmos a primeira fase de nossa publicação conforme planejado, uma seleta de artigos da área de Letras com multiplicidade de enfoques, temas e temporalidades. Temos seis textos de estudos literários e quatro sobre o ensino e a formação do professor de linguagens.

Em “Jules Verne na imprensa brasileira do século XIX”, Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina e Edmar Guirra apresentam os modos como Jules Verne (1828-1905) e sua obra podiam ser apropriados pela opinião pública brasileira, entre 1860 e 1910, que compreende o período de atividade do escritor francês. Os autores mostram como Verne era presença frequente nos jornais brasileiros. Sua obra podia ser encontrada em todas as regiões do país e era traduzida rapidamente para o português. Aos olhos do leitor brasileiro, Jules Verne era um vulgarizador da pesquisa científica – um escritor conhecido a ponto de ser mencionado em contextos não-literários, já no século XIX. Pela atração que exercia sobre leitores jovens, Jules Verne e sua obra constituíram um elemento importante para a formação da literatura juvenil entre nós.

Em “Júlio Ribeiro, o naturalismo e a dessacralização da literatura”, Leonardo Pinto Mendes estuda a recepção crítica do mal-afamado romance *A carne* (São Paulo, 1888) para mapear e compreender o que ele identifica como uma resistência da tradição crítica à ficção naturalista. Para o autor, o repúdio ao romance de Júlio Ribeiro (1845-1890) encobria o apego a uma concepção sagrada de homem e de literatura, de raiz romântica, que informava a série histórica das críticas à obra do autor, de José Verissimo (1857-1916) a Alfredo Bosi. Para a tradição crítica, o intolerável era a perda da sacralidade da literatura, que no romance naturalista era rebaixada e retalhada por discursos concorrentes e novos gêneros textuais.

Silvio Cesar dos Santos Alves, em “Nação e revolução – Garrett, Antero e Eduardo Lourenço na balança da modernidade”, discute as crises de identidade de Portugal a partir do início do século XIX e a busca de um lugar para o povo português no anfiteatro da modernidade burguesa europeia. Partindo da leitura de textos-chave de Almeida Garrett (1799-1854), Antero de Quental (1842-1891) e Eduardo Lourenço, o autor mostra como os conceitos de “nação”, “pátria” e “revolução” podiam ser evocados por esses escritores em diferentes contextos, lançando contra o “doente” Portugal críticas que entretanto, não colocavam em xeque as regras do sistema hegemônico do tempo: o imperialismo capitalista moderno.

Em “O sublime Ferrabrás: o baixo em um soneto de Bocage”, Giuliano Lellis Ito Santos analisa o soneto erótico-satírico “Êsse disforme, e rígido porraz” como um exercício de poética clássica. O poema retoma o mito de Priapo, deus da fertilidade, conhecido por seu falo descomunal. O tratamento de matéria baixa é representativo da imagem de Bocage (1765-1805) como poeta jocoso e obsceno, porém a reflexão subjacente sobre o sublime, decorrente do terror suscitado pela observação do falo, parece ocultada pela temática erótica. Como mostra o autor, o soneto é um bom exemplo da utilização do estilo baixo como meio de reflexão poética.

Por meio da leitura do diário, cartas e romances de Lúcio Cardoso (1912-1968), Fábio Camargo, em “Abismar-se e escrever-se”, argumenta pela centralidade da homossexualidade para a compreensão da obra do escritor mineiro. O tema, apesar de evidente, tem presença tímida na fortuna

crítica de Lúcio Cardoso. O autor confronta trechos das cartas e do diário com personagens da ficção, como Timóteo em *Crônica da casa assassinada* (1959) e o protagonista de *O desconhecido* (1940), para encontrar a mesma indecisão entre mostrar e esconder a sexualidade. O autor deixa claro que não se trata simplesmente de tirar Lucio Cardoso do armário, mas de reavaliar sua obra por um viés que valorize sua diferença radical.

Em “A planta da infância em *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar”, Iza Quelhas encontra nos temas da infância e da interdição a matéria-prima de um dos mais importantes romances brasileiros do final do século XX. Lendo a obra a partir da chave neobarroca do crítico cubano Severo Sarduy (1937-1993), a autora destaca a velocidade da narrativa, o lirismo da linguagem, as elipses e os movimentos circulares que desestabilizam a escrita (e a ordem patriarcal). Na intertextualidade com a Bíblia e outros textos (sagrados ou não), *Lavoura Arcaica* embaralha os gêneros literários e evoca a ancestralidade da eterna batalha entre *eros* e a morte.

Carolina Fernandes e Carla Carolina de Vargas Oliveira, em “O texto imagético na construção da autoria”, compartilham uma experiência de sala de aula da sétima série do ensino fundamental. Partindo do pressuposto de que o papel da escola é formar sujeitos autônomos, as autoras propõem estratégias para formar alunos que não sejam meros reprodutores dos discursos constituídos (especialmente o pedagógico), os chamados “sujeitos-escreventes”, mas sim “sujeitos-autores”, capazes de dotar seus próprios sentidos aos textos. Como revela o estudo das autoras, o trabalho com imagens cria lacunas que convidam o aluno a se expressar e a criar sentidos, assumindo a autoria de seus textos.

No ensaio “O pós-estruturalismo e suas influências nas práticas educacionais: a pesquisa, o currículo e a ‘desconstrução’”, Guilherme Lima Cardozo contrapõe o paradigma positivista (universalista e essencialista) ao paradigma pós-estruturalista (relativista e construtivista) para pensar em saídas para a escola tradicional. Em contraposição à ideia de currículo como algo que existe fora do sujeito, como “blocos de construção” que se somam ao “edifício do conhecimento”, o autor propõe o conhecimento como construção e cooperação permanentes, que emergem de um compromisso

ético e político entre os participantes. Nesse contexto, ganha destaque o “duplo gesto” proposto por Jacques Derrida (1930-2004), que “implode” as hierarquias e as dicotomias clássicas.

Roberto de Freitas Júnior, em “Revisitando conceitos de aquisição de L2: defendendo propostas teóricas abrangentes”, apresenta um panorama das principais teorias relacionadas ao aprendizado de uma segunda língua. O autor adota a perspectiva de que um indivíduo “aprende” uma segunda língua, e não exatamente a “adquire”, uma vez que um usuário de L2 dificilmente adquire, de modo absoluto, uma gramática além de sua própria L1. Após apresentar e explicar os conceitos mais relevantes em SLA (*Second Language Acquisition*), o autor defende uma abordagem multidisciplinar, que contemple as inúmeras variáveis formais e funcionais do processo de aprendizado de uma segunda língua.

Fechando com o décimo artigo, Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra, em “Desafios na formação do professor de inglês: discurso, contexto sócio-histórico, prática e reflexão”, compartilha uma experiência de Iniciação à Docência (ID), na universidade, com foco na produção de material didático para o ensino de compreensão escrita em língua inglesa. No centro da experiência estava a Prática Exploratória (PE), que permite ao professor de idiomas se constituir como sujeito do seu fazer profissional, em trocas permanentes com colegas e alunos. Certa de que há muito ainda a pesquisar e a fazer na área de formação do professor de inglês, a autora advoga por uma pedagogia de múltiplos letramentos, capaz de dar conta das variadas formas de criar sentidos e agir no mundo social.

Leonardo Pinto Mendes, Editor  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*